

RÊGUA — Noite de luar no rio Douro.

(Cliché de Antonio Teixeira).

PROPRIETÁRIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o impor. e das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 293

Braga 15 de Março de 1919

Anno VI

BIBLIOTECA GERAL
Reg. No. Cota
Data: 14/11/2005 166E
UCP - BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Veloso
EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 15 de Março de 1919

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 293—Anno VI



JESUS ORANDO NO HORTO

Universidade Católica Portuguesa
BIBLIOTECA
FACULDADE DE LETRAS
BRAGA



Polícia, progresso e dictados.



OUTRO dia um jornalista fez esta pergunta: — para que é precisa a policia? e respondia immediatamente que para nada.

Eu estava deitado na cadeira americana do meu barbeiro (um barbeiro excepcional: não falla em politica!) e lia aquellas considerações na «Montanha».

Passei os olhos por todo o jornal. Nada de novo. Fechei-o, dobrei-o e para matar o tempo que restava para o côrte completo do cabello, lancei mão do ultimo numero da «Instrucção Portugueza».

Photographias de heroes, e heroes de photographia.

Passei á parte cômica da revista na mira de topár coisa mais desanuviadora. A graça, muito cachetica. Esguichos de pilhêria baixa e uma só charge feliz, por acaso vinda ao encontro, precisamente ao encontro da pergunta do jornalista sobre a necessidade da policia. Uma caricatura a leve traço ajudava o dialogo entre um *novo policia* de Lisboa, dos recrutados apoz a dissolução do corpo policial sidonista, e um cidadão a quem as botifarras do agente haviam pisado revolucionariamente um melindrosissimo callo.

O *novo policia* imaginava-o eu, e o leitor, vendo na caricatura um typo de rufia, de boina repuxada sobre a melena, jaléca e calça á bocca de sino. Assim fallou Zaratrusta! Assim confessava o «Seculo» que de vez em quando vae confessando varias coisas — outro dia a estada do conde de Mangualde no segredo do Aljube, noticia que originou a visita inesperada do sr. consul d'Inglaterra áquella prisão, muito mais politica do que commum, como quasi todos os carceres portuguezes ha vinte anos para cá, pouco menos.

O 14582 que tal era o numero de matricula do *novo policia* (e é de notar que o mesmo «Seculo» já confessou ha um anno que a cidade de marmore e granito contem o precioso escol de 19:000 vadios cadastrados) pisára um callo ao cidadão transeunte. N'outro tempo isto, n'uma rua, produzia immediatamente uma scena de bengaladas a que a *velha policia* punha um digno e apropriado remate n'um quarto de cadeia.

Mudam os tempos, mudam os costumes. A civilisação agora está triumphante. O cidadão

do callo apenas o sente calcado, fira o seu chapeu, curva-se reverente e offerece:

— Se v. exc.^a quizer pisar o outro do outro pé, faça favor...

E estende o bico da bota, como n'um passo de minuête os bons galans de antigas comedias.

— E você, sua besta, não via por onde punha os pés? riposta o *novo policia*.

E o cidadão logo, mais reverente:

— Tem v. exc.^a rasão... não foi v. exc.^a que poz o seu pésinho em cima do meu, fui eu que brutalmente... brutalissimamente — queira v. exc.^a aceitar as minhas desculpas! — puz o meu callo debaixo da sola das suas botas!

O 14582 ainda vae a replicar, n'uma phrase incisiva que começa por *O' seu besta*, mas providencialmente (e providencialmente porque o cidadão do callo, no fim d'essa replica, poderia muito bem ir parar como preso politico a Monsanto ou a S. Julião), mas providencialmente, ia dizendo, uma galdéria grita lá d'uma janella para o *novo policia*:

— O' Zé, vens cá hoje?

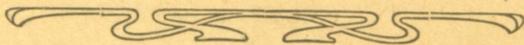
E o cidadão salva-se por umas taboinhas — sem calemburgo!

Isto é tudo quanto ha de mais civilisado, de mais humanitario, de mais... de mais que? de mais *rafiné*; e o jornalista que perguntou impertinentemente para que servia a policia, fem n'este episodio, que deixa a perder de encanto os donaires dos pastorinhos e pastorinhas do Trianon, a prova provada de que a policia tal como ella é, constitue um dos esteios do existente, é certo, mas acima de tudo a condição *sine qua* do progresso em marcha acelerada.

E' verdade que outro dia foi roubada uma ourivesaria da rua do Ouro em 30 contos, e que o seu proprietario não conseguiu ainda dar-lhes com o paradeiro. Mas tambem, leitor amigo, não se arrancam dentes sem dôr, ha não, nas barracas da feira, não ha bello sem senão, amar é soffrer, a dôr redime e salva, o amargo é que torna apreciado o doce, quem quer coisas boas pága-as.

(Se o leitor conhecer mais annexins, dictados e comparações apropriadas ao caso, faça favor de juntar, misturar e mandar para Lisboa ao ministerio do interior.)

F. V.



Cathedral de Macau



velha cathedral de Macau, que existia no mesmo lugar da nova, era construída de taipa (terra com cal humedecida e batida), como a maior parte dos antigos edificios da cidade. Os estragos do tempo, e os furiosos vendavaes ou tufões que de vez em quando assolam aquellas paragens, a reduziram a tal estado de ruína, que o cabido pelos annos de 1835 ou 1836, achando-se a Sé vaga, resolveu cessar a celebração dos officios divinos n'aquella igreja, e, com auctorisação do governo, passou a servir de cathedral a igreja do convento de S. Domingos.

Este templo, posto tivesse melhores condições, por ser mais moderno, vasto e construído de tijolo, estava mal situado para aquellas funcções, por causa da proximidade d'um bazar chinês, onde sempre havia muita agitação e estrondo.

Por isto começou a pensar-se no concerto da antiga cathedral, muito melhor situada, e contigua ao palacio episcopal. Tão reconhecida era a necessidade d'esta mudança, que a curia romana, quando expediu as bullas de confirmação do bispo de Macau, D. Nicolau Rodrigues Pereira de Borja, em 1843, recomendou particularmente este assumpto ao zelo d'aquelle prelado. Este não descurou d'elle, conseguindo, por suas representações, que fosse expedida pela secretaria da marinha e ultramar, em 26 de fevereiro de 1844, uma portaria auctorisando o mesmo prelado para fazer na antiga Sé, de acôrdo com o governador da colonia, os reparos e concertos que se julgasse necessarios.

Feito o competente exame ao velho edificio, achou-se que não admittia concertos, e resolveu-se a completa reedificação. Promoveu-se subscrição entre os habitantes, que produziu de seis a sete mil patacas (seis a sete contos de réis), e deu-se começo á obra em dezembro do mesmo anno de 1844, sob melhor fórma e nova orientação.

A antiga Sé tinha o frontispicio para oeste, e estava como apertada entre as casas proximas e o palacio episcopal, que ficava a um canto, e encoberto em grande parte pela mesma Sé. A nova igreja tem a frente para o norte, ficando a frontaria do palacio desembaraçada e mais vistosa.

A este tempo já o bispo de Macau, D. Jeronymo José da Matta, tinha chegado áquella cidade, na qualidade de bispo coadjutor e futuro successor do referido prelado D. Nicolau, o qual muito concorreu para este novo plano: mas ao seu antecessor é que cabe o merito de começar a executal-o pouco antes de fallecer em 21 de março de 1845.

A antiga igreja achava-se então quasi completamente demolida, lançados alguns dos novos alicerces, e feitos os ajustes de toda a obra com operarios chinezes. Foi n'este estado que o novo bispo, D. Jeronymo, tomou a direcção da obra, que teve a fortuna de fazer concluir nos principios de 1850, sagrando-a elle proprio em 14 de fevereiro d'esse anno, havendo por essa occasião sumptuosa festividade, em que toda a população christã de Macau tomou o mais vivo interesse, participando com o seu bispo as alegres commoções que este sentia por vêr concluído um novo templo consagrado ao verdadeiro Deus, lá n'esse remoto imperio da China, tão entranhado ainda nas trevas do paganismo.

Muitas difficuldades houve a vencer para que a cathedral se concluísse em tão pouco tempo, principalmente por escacearem os meios pecuniarios; além da referida subscrição, applicaram-se áquella fim alguns fundos proprios da Sé, e quotisaram-se os cofres que allí ha sob a administração ecclesiastica.

A nova Sé de Macau é de dimensões regulares, cheia de luz e alegre no interior. O primitivo plano foi feito por um architecto macaense, chamado Thomaz d'Aquino; mas o proprio bispo D. Jeronymo lhe fez modificações.



O caçador feroz

(Traduzido do allemão por Berger)

Sua buzina tocara
O conde, altivo senhor:
«De pé, de cavallo, áleria!»
Disse: — e monta o corredor.

O nobre animal relincha:
Pula e parte — e a turba apoz:
Ei-los vão! — Quem era o conde?
Erc o caçador feroz.

Por estevaes e por çarças,
Por campinas cultivadas,
Voam rapidos — ressoam
Motejos, gritos, risadas.

O sol que vinha rompendo
Em luz as veigas banhava
E do zimbório do templo
O lanternim scintillava.

Tlim, tlão! — convocando á missa
Tangia o sagrado sino
E involto no som dos orgãos
Do côro se ouvia o hymno.

Duas sendas lá se cruzam;
E a turba chegara lá
Da direita um cavalleiro,
E outro da esquerda está.

Nedio ginete, qual neve
Alvo, guiava o primeiro;
O segundo a redea solta
Esporeava um fouveiro.

Quem taes cavalleiros eram
Creio certo adivinhal-o;
Bem que ainda com certeza
Não me atreva a declarar-o.

Da direita ao cavalleiro
Fulgia o rosto formoso;
Porém no olhar do da esquerda
Fulgor havia horroroso.

«Bem vindos sois, cavalleiros,
Bem vindos á montaria!
Qual prazer, no ceu, na terra
Ao nosso se igualaria!»

Assim disse o conde — e rija
Palmada na côxa deu,
Atirando pelos ares
A grande altura o chapéu.

«O som da tua buzina —
Tornou logo o da direita —
Nem aos canticos do côro
Nem do sino ao som se ageita.»

«Ruim caçada te espera —
Atraz te cumpre voltar:
Contra ti a ira celeste
Não queiras desafiar.»

«Nobre conde monteae —
Prestes o outro atalhou —
Que importa a bulha do côro
E se o sino badalou?»

Deixae ao povo o seu medo;
Que para a ralé foi feito:
Não são palavras sádias
Das que merecem respeito.

«Ah, bem dito! — oh tu da esquerda
Um heroe és quanto a mim
Só padrenossos empecem
A algum caçador ruim!»

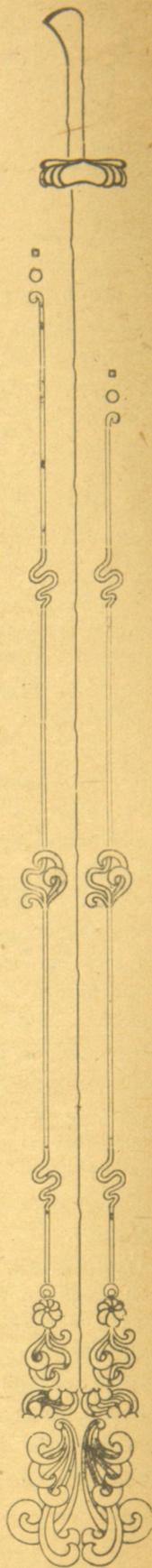
«Que tem missas, que tem rezas
Com o caçar? — diz, sandeu!
Se medo queres metter-me
Falhou o calculo teu.»

Disse o conde. — A'vante correm;
Vão por campinas e outeiros
Sempre da direita e esquerda
Estão os dois cavalleiros.

Eis lá em distancia um cervo
Branco transpoem a assomada,
Tendo de pontas galhosas
A erguida fronte adornada.

Então o conde a buzina
Com mais alento assóprou
E tudo, a pé, a cavallo,
Com mais rapidez voou.

(Continúa).



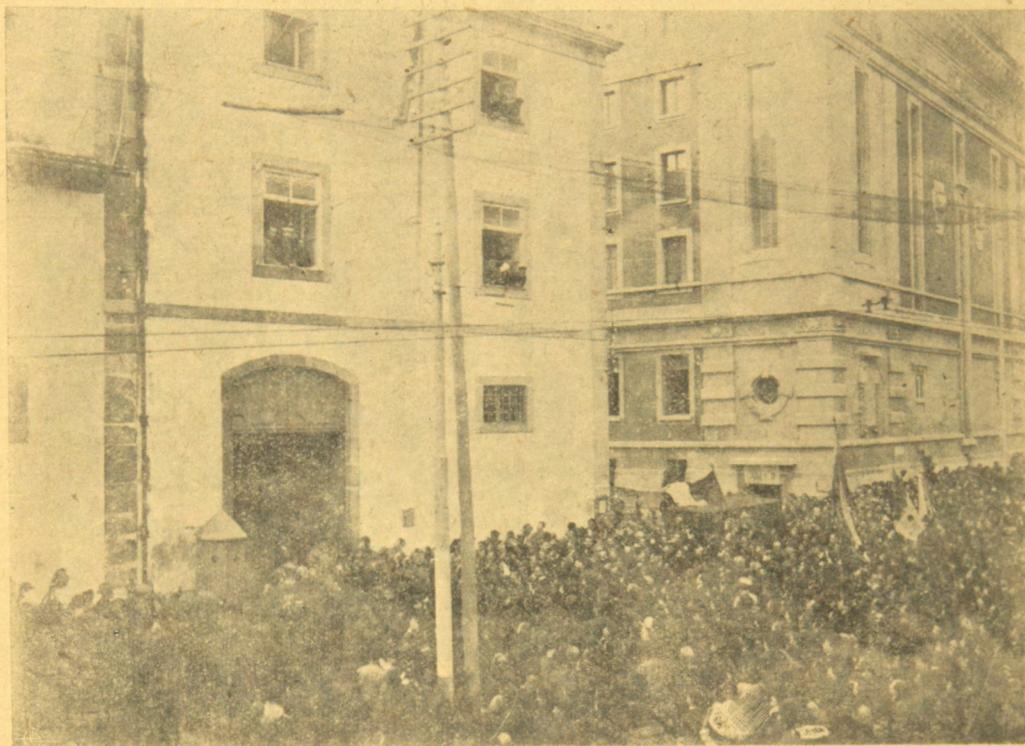
FITAS E FITAS

Em volta do «ecrain»

O leitor já adivinhou por certo que nos referimos ao cinematographo. Nem mais nem menos. Veio-me á ideia escrever este artigo, ao recordar traço por traço um impudicissimo certaz que

lances mais escabrosos, observados tambem por creanças, de olhitos pasmados ante subitas revelações que faziam por certo oscillar de medo todas as suas innocencias de crystal puro!

E, leitor benevolente, eu não pude deixar



Restauração da Monarchia no Parlo no dia 19-1-1919. — O sr. coronel Paiva Couceiro agradecendo as manifestações, da janella do quartel general.

ha poucas horas vi collado n'uma parede de sala de café.

— *Amor! Amor!* grandioso drama pela grande tragica L' Borelli. E depois a reprodução d'uma scena do referido drama que propositamente fui vêr uma noite ao Trindade, perdido entre um publico de *boa gente*, em que figuravam senhoras de todos os estados, e todas ellas vivamente interessadas... mesmo nos

de arripiar-me deante de todo aquelle espectáculo que me davam, mais que *a lita*, os espectadores. Creio mesmo que surprehendida lá do alto, do *ecrain*, aquella chusma de rostos batida pela livida claridade do reflexo do jorro de luz electrica do aparelho projector, havia de dar uma impressão apavorante e doentia...

E logo disse commigo mesmo mais uma vez:

Os poderes públicos tem o rigoroso dever de impedir a immoralidade nos cinemas.

O peor cego é aquelle que não quer vêr. Os poderes publicos podem e devem vêr que as fitas indecentes, livres e immoraes constituem um dos agentes ou factores mais ferveis mais furiosos, mais pavorosamente funestos de dissolução social, de envenenamento de caracteres e desfibramento da raça.

Permittir o cinema livre e indecente é fomentar a libertinagem, é applaudir tacitamente,

Exemplos? Sebejam. Eis alguns.

Todos os povos civilisados já estão tomando as mais sérias e as mais promptas medidas contra a immoralidade nos cinemas. Podemos provar esta affirmativa com os dados mais authenticos e insophismaveis.

A 19 de abril de 1913, M. Klotz, ministro do Interior da França, em circular aos prefeitos, lembrava a prohibição de representação de crimes nos cinemas.

A 22 de novembro de 1912, M. Steeg, mi-



Restauração da Monarchia no Porto. — A multidão dando vivas á Monarchia, á Patria, ao exercito e ao sr. Paiva Couceiro, n'um dos dias seguintes á restauração.

é permittir e aconselhar pelo silencio a vida sinistra e sombria dos baixos fundos sociaes, *dove il sol se face*; é glorificar as desventuradas de vida triste, é convidar indirectamente o povo a esta vida, a estes actos, que a tela do cinema exalça, romantisa, aformoseia, irisa e justifica.

Não vê isto quem não quer vêr

O cinema pende para o rebaixamento! Eis o facto que alarma os proprios poderes publicos!

nistro, mandava aos prefeitos que, pelo art. 94, § 85 da lei de 5 de abril de 1884, elles prohibissem toda a representação que attentasse contra os bons costumes. No caso de desobediencia, recurso ás penas da lei.

Em 1912 os prefeitos de Avignon, Nantes, Clermont, Orleans, prohibiam nos cinemas as representações immoraes.

M. Lepine, famoso prefeito de policia de Pariz, em agosto de 1912, dava tambem o seu grito de alarme aos commissarios de policia

contra a representação e exhibição de *films* immoraes nos cinemas das grandes cidades.

Em junho de 1913, M. Hennton, successor de Lepine na policia de Pariz, lembrou a todos os empresarios de cinemas que todo o *film* representando *spectacles barbares ou repugnants* era prohibido.

A 19 de abril de 1912, o parlamento de Berlin elaborava a lei contra a pornographia e os abusos escandalosos dos cinemas.

exhibições pornographicas terão a multa de 50 a 250 pesetas.

Na Suissa ha a grande Liga Nacional contra a immoralidade. Em poucos paizes se achão tão perfeitamente organizada, como na Suissa, a lueta contra a pornographia. Os cinemas são vigiados pela policia, e não enfra n'elles a baixa immoralidade que envenena e mata.

Na Italia, uma circular do ministro do Interior, de 5 de abril de 1913, prescreve que ne-

PORTUGUEZES NA GUERRA



João Paschal Machado Benevides, alferes de infantaria 16, que tomou parte no combate de 9 de abril, ficando prisioneiro. Nasceu em Arrifes, S. Miguel, Açores



Antonio Gonçalves da Silva, prisioneiro de guerra, minster in Vestien, Campo III, Jefajenenleijer, 3 Destacamento n.º 448 Allemanha

Na Austria, o cinema é regulamentado com uma precisão admiravel.

Até os 15 annos, os rapazes só podem assistir às reuniões especiaes dos meninos e jovens. Naquelle imperio, a pornographia é implacavelmente banida.

Na Inglaterra, sabem todos que é rigorosa a censura de theatros e cinemas, e que esta censura tem organização completa e modolar.

Na Hespanha, um decreto real, publicado a 28 de novembro de 1911, determina que as

nhuma representação cinematographica seja auctorizada quando os «films» forem contrarios aos bons costumes.

Em 17 de maio de 1913 é dirigida por M. Giolitti, aos prefeitos da Italia, uma circular, que ordena a censura rigorosa aos «films», censura que deve ser feita no proprio ministerio.

Em França, por lei de 5 de abril de 1884, tem os prefeitos plenos poderes de prohibir todas as peças e espectaculos contrarios aos bons costumes.

Ha aqui muito e muito que aprender. Deante da janella do meu quarto, que deita para uns terrenos amplos e arrelvados, vejo todos os dias o esqueleto, a carcassa d'um grande barracão de cimento armado que será a fabrica dos... *grandiosos dramas*.

Ha brasileiros que empregaram na companhia cinematographica grossos cabedades. Ha artistas de theatro que trocaram a declamação dos palcos pela mimica, o gesto silencioso dos *écraíns*.

Um progresso?

Outro dia, contam os jornaes, foi apanhada pela policia em Lisboa (quando em Lisboa havia policia, é claro!) uma quadrilha de mocinhos entre 18 e 21 annos que se intitulavam a si mesmos os *cavalleiros da morte* e cujo chefe tinha o nome de guerra de... *Fantomas!* E a lista das façanhas era apenas o elenco das *séries* de um *grandioso film policial!*

Um antigo frequentador.

GUERRA EUROPEIA



Soldados allemães prisioneiros das forças canedienses, entrando para o campo de concentração em Amiens



Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clérigo d'ordens sacras, que desejar allistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pajavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Afagão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes de Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reterido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudes e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.

Collegio de S. Thomaz d'Aquino BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admite alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

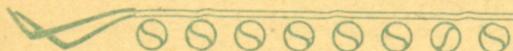
Colégio Académico GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade
Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

Dr. Alfredo Peixoto
Luiz Gonzaga Pereira
P.º José Maria dos Santos

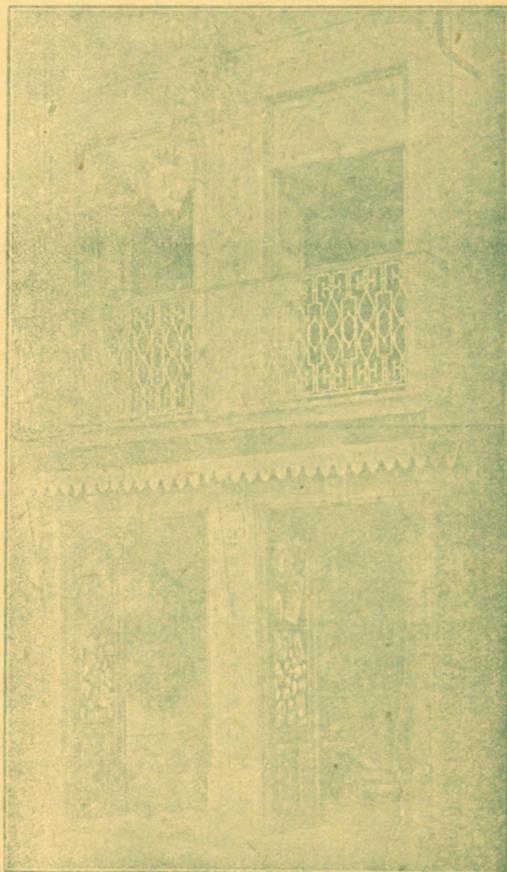


FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado d'este genero



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA